

**BAPTISTELLA, Rosana.** Vazantes... Campinas: Universidade Estadual de Campinas; Colaboradora. Diretora Cênica e Artista da Dança.

## RESUMO

O presente artigo faz uma reflexão sobre o espetáculo intitulado Vazantes... (2003-2009), em que profissionais da dança, do teatro e da música — que já vinham experimentando possibilidades fronteiriças entre essas artes — partem para um processo colaborativo em que todos assinam a autoria do resultado que é levado a público. O processo de trabalho para montagem do espetáculo incluiu a proposta de transpor outras fronteiras: ir de São Paulo a Mato Grosso e da arte estudada na academia e feita entre artistas urbanos, com formação erudita, para uma troca com pessoas que vivem imersas em cultura popular. Os atores e o diretor musical foram a campo conviver com a comunidade do São Gonçalo Beira-Rio, no município de Cuiabá (Mato Grosso), campo de pesquisa da diretora (entre 1995 e 1999). Tiveram contato ainda com batuqueiros e batuqueiras de Piracicaba, Tietê e Capivari (São Paulo), participando de festas do batuque e trabalhando a partir do material registrado pela diretora em pesquisa (entre 2001 e 2004). A escolha de festas como ponto de partida deve-se a uma percepção em relação a esse momento especial, ritualístico, em que está concentrado e simbolizado um saber e uma cultura da comunidade pulsante em sua memória, repleta de significados e simbolismos que transbordam através dos corpos dos participantes, principalmente dos mais velhos — esse corpo íntegro e grandiloquente é construído conforme o sujeito se constitui. A inteireza que é possível se enxergar nesses indivíduos encontra na dança, na cena, na performance, o lugar para revelar-se, manifestar-se com plenitude. E é nesse sentido que tecemos a ponte com o fazer artístico; esforçando-se por encontrar essa inteireza e permitindo-se transformar-se, cada artista-pesquisador vivencia o campo à sua maneira, constrói relações, faz sua própria leitura, ressignifica. Atemporal, Vazantes... é construído por subjetividades, a partir de histórias de cada um dos artistas e de fragmentos de memórias de Domingas, Severinas, Ivos, Bugres, Antonios, Anécides, Rutes, Terezas, Odetes, Nemésias e tantos outros que deixaram suas marcas no processo. Cíclico, o espetáculo trata de antagonismos que se transformam e se amalgamam: força e suavidade, loucura e sanidade, medo e coragem, equilíbrio e desequilíbrio, desabrigo e proteção, ameaça e cumplicidade. Quem assiste, tece sua história, a partir de seus próprios referenciais e de sua memória, pois o roteiro não é fechado em uma única leitura linear, formatada pelo olhar da direção e dos intérpretes.

**Palavras-chave:** Hibridismo. Fronteiras. Vazantes.

## ABSTRACT

This article is a reflection about Vazantes... (2003-2009), in which professional dance, theater and music — that were already experimenting with these possibilities in the borderland between art — to start a collaborative process in which all artists are authors. The work process included the proposal to transpose other boundaries: to go from Sao Paulo to Mato Grosso and studied art at the academy and made between urban artists with classical training, to

exchange with people who live immersed in popular culture. The actors and the music were living with the community of São Gonçalo Beira-Rio, the city of Cuiabá (Mato Grosso) and still had contact with drummers from Batuque de Piracicaba, Tietê and Capivari (Sao Paulo). The choice of parties as a starting point due to a perception of this special moment, ritual, which is concentrated in and symbolized a knowing and a pulsating culture of the community in his memory, full of meaning and symbolism that overflowed through the bodies of the participants, especially the older — the body whole and eloquent is constructed as the subject is constituted. The wholeness is possible to see these individuals in the dance, the scene, performance. And that is what we have made the bridge with the artistic, striving to find that wholeness and allowing yourself to become, each artist-researcher experiences the field in its own way, build relationships, make your own reading gives a new meaning. Timeless, *Vazantes...* is constructed by the stories from each of the artists and from fragments of memories of Domingas, Severinas, Ivos, Bugres, Antonios, Anecides, Rutes, Terezas, Odetes, Nemesias and many others who left their mark in this process. Cyclical, *Vazantes* comes to antagonisms that amalgamate and become: strength and softness, madness and sanity, fear and courage, balance and imbalance, displacement and protection, threat and complicity. Who watches, weaves his story from their own benchmarks and their memory, because the script is not locked into a single linear reading, formatted by the look of directors and performers.

**Keywords:** Hybridity. Borders. *Vazantes*.

O trabalho desenvolvido no processo do espetáculo *Vazantes...* dialoga com a estética encontrada nos campos pesquisados, em que corpos abundantes dançam, com amplos movimentos de articulações, amalgamados à música, traduzidos em uma soltura em que mãos expressivas e pés que pisam a terra com intimidade demonstram firmeza. Troncos flexíveis e sorrisos largos mostram-se despreocupados com padrões como a “retidão” e gestos contidos, em cenários e paisagens que se intercalam entre ruas, barracões, quintais e pequenos cômodos. Nos corpos enxergamos um princípio de liberdade que deflagra a educação do corpo relacionada à terra e à alegria de viver.

Vista em sua desvestida realidade, a celebração religiosa ou profana, solenidade ou mascarada (MATTA), não ilude nem oculta. Não disfarça. Ao contrário, ao jogar com a metáfora e romper com o excesso de significante, a ordem social da vida e a ordenação lógica do significado, a festa exagera o real. (...) Ela toma a seu cargo os mesmos sujeitos e objetos, quase a mesma estrutura de relações do correr da vida, e os transfigura. A festa se apossa da rotina e não rompe, mas excede sua lógica, e é nisso que ela força as pessoas ao breve ofício ritual da transgressão (BRANDÃO, 1989, p. 9).

Voltando do campo, o que trazemos de mais significativo não é a pesquisa de personagens, movimentos, danças ou músicas, mas o *estar* com aquelas pessoas, a participação em seus rituais, em seus modos de produção, de viver, de *festar*.

Quando os atores e o músico-compositor<sup>1</sup> de *Vazantes...* relataram o que a viagem a São Gonçalo Beira-Rio (em Cuiabá, MT) significou, as mudanças que trouxe à sua vida, o quanto sua história agora é outra, e é clara a repercussão direta em seu trabalho cênico e autoral, percebo um círculo que se fecha, para reiniciar, onde o mais importante não é o que se faz, mas *como* se faz e o que fica em nossa memória, em nossa vida, em nosso corpo, constituindo-nos.

Em laboratórios, era revelado o que ficou impresso em seus corpos; surgiam os personagens e as cenas, que eram desenvolvidos de forma sensível e, posteriormente, partiturizados.

O trabalho técnico corporal de Erika Cunha e Eduardo Albergaria foi conduzido através de aulas de dança brasileira e da decodificação de cada movimento do campo mais representativo para cada um. Eixo, impulso, tônus, torções, projeções, sutilezas e alinhamentos foram estudados, garantindo a qualidade dos movimentos, sem perder de vista seus significados.

A trilha sonora foi criada pelo músico Rui Barossi, que também foi a campo e participou ativamente dos laboratórios e ensaios, criando *numa epifania mútua, uma “codescoberta”, onde a música alimentava as cenas e vice-versa*, conforme suas próprias palavras.

A integração observada em campo foi trazida para a cena: cenário, figurino, música e luz<sup>2</sup> transformam-se durante o espetáculo, compondo significados e escrevendo junto a história. Uma tarrafa transforma-se numa saia, um bastão transforma-se no mastro da bandeira, um manto transforma-se na bandeira, pétalas de flores reorganizam-se durante o espetáculo a partir dos movimentos realizados, criando caminhos-desenhos no palco.

Os personagens dançam e contam suas histórias; “festam” em deslocamentos e movimentos grandes; refletem sobre suas histórias e seus devaneios em gestos sutis e sensíveis. Desdobram-se em muitos ou em muitas facetas dos mesmos, ora interagindo um com o outro, ora sozinhos, em encontros e desencontros. Cada um tem o seu espaço próprio e existe o espaço comum, onde se encontram algumas vezes.

A seguir, é descrita uma sequência de cenas dos dois personagens — Dita Saboeira e Tunico.

Dita entra em cena murmurando seus devaneios, seus questionamentos sobre vida e morte, desconfiada, enquanto Tunico vem de peito aberto, cumprimentando as pessoas, como quem vai passando, a caminho de um passeio qualquer.

Quando se veem, essas oposições tornam-se um confronto representado por um brado de Dita, seguido de rasteiras, provocando fugas por parte de Tunico, até que ela o segura pelo paletó e o contato com ele reaviva sua memória,

---

<sup>1</sup> Atuaram em *Vazantes...*: Eduardo Albergaria e Erika Cunha. Trilha sonora: Rui Barossi. Autoria: Rosana Baptistella, Eduardo Albergaria, Erika Cunha e Rui Barossi.

<sup>2</sup> Iluminação: Eduardo Albergaria.

transformando suas emoções e gestos: toma conta o zelo, o carinho, sutilizando suas intenções e ações, ao abotoar seu paletó, quase num deleite. Ele, a princípio, desconfia.

Ao som do toque da caixa, a festa se faz presente e começam a dançar, batendo umbigadas, divertindo-se. Ele dança/ luta capoeiragens enquanto ela dirige-se a um vaso de barro cheio-d'água, onde ela se vê, como num espelho e, como que saída do fundo do rio, veste-se com um manto azul.

Tunico, apoiado em seu cajado, fala um pouco sobre sua vida, seus companheiros de outrora, de cantorias e de andanças “*por esse mundão todo*”; agora ficou sozinho, mas continua sua saga, não desiste, diz: “*eu 'guento, ainda!*”. Ouve a batida do bumbo que procura e enxerga a imagem da mulher vindo em sua direção, que o encanta, vestida com o manto: seria a Mãe-D'água? lemanjá? Nossa Senhora?... Convidado por seu gesto, dança com ela, transformando o cajado em bastão, que propicia a relação céu-terra, marcando seus movimentos de pulso, verticalizados, enquanto ela serpenteia, em movimentos circulares e horizontais, com a leveza do tecido azul que fora o manto e agora é o vento, depois é o companheiro, quando dança abraçada ao tecido, em seguida enrola-o e embala-o como a um bebê, para então abri-lo em toda sua extensão para que seja a bandeira que, junto ao mastro, constituirá um só símbolo.

Encontram-se para montarem a bandeira, mais introspectivos, em gestos de devoção, que remetem ao sagrado. Tunico conduz, Dita dança como se ela fosse a própria bandeira. Sua figura revela ser a imagem impressa na bandeira, quando ele ergue o mastro horizontalizado acima de sua cabeça, com o tecido verticalizado até o chão e ela coloca-se à frente da bandeira, com as mãos espalmadas, remetendo à representação de lemanjá ou Nossa Senhora.

Ao chamado da voz feminina na música “*Oh, Senhora do Rosário...*” seguem em procissão: agora são um casal de devotos, cantando, levando a bandeira adiante, numa peregrinação que se reinicia a cada vez que a voz ou o tambor vem lhes chamar.

A interação com o público acontece pela projeção do olhar, dos movimentos, da voz, dos questionamentos e pelo canal sutil das emoções e dos símbolos. Cada um que assiste tece uma história, a partir de seus referenciais, de sua memória, pois o roteiro descrito não tem necessariamente uma leitura descrita pelo olhar da direção e dos intérpretes.

Conduzir pessoas a uma experiência própria, que seja resultado de sua história e constitutiva de sua memória, sempre relacionada a pesquisas, ao contato com pessoas e o que isso causa, contagia e imprime em cada um, é nosso trabalho como artista.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BAPTISTELLA, Rosana. **Mulheres em cozinhas e terreiros, palcos de chorados (MT) e Batuques.** (SP). Dissertação de mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua.** Campinas: Papyrus, 1989.